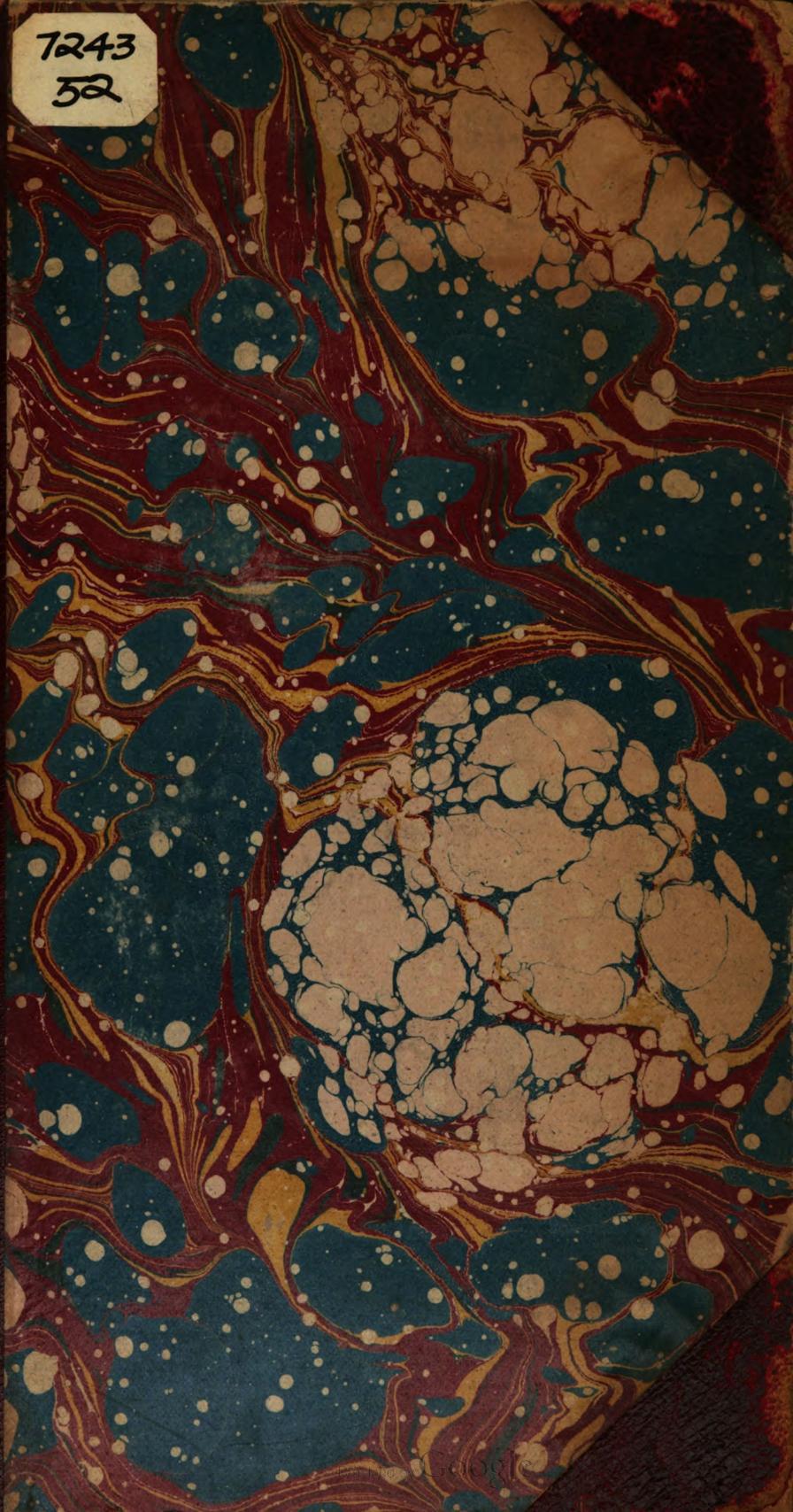


7243

52



7243.52



Harvard College Library

FROM THE FUND OF

CHARLES MINOT

(Class of 1828).

Received 19 Dec., 1888.





# O DIALECTO MIRANDEZ



# O DIALECTO MIRANDEZ

---

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA DIALECTOLOGIA ROMANICA  
NO DOMINIO GLOTTOLÓGICO HISPANO-LUSITANO

POR

*José*

**J. LEITE DE VASCONCELLOS**

**Alumno da Escola Medica do Porto**

---

5' PORTO

LIVRARIA PORTUENSE

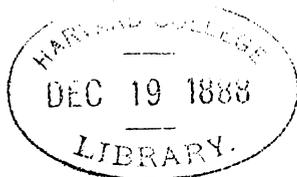
DE

**CLAVEL & C.<sup>a</sup> — Editores**

119 — Rua do Almada — 123

—  
1882

7243.52



*Minot fund.*

AO SENHOR

**F. ADOLPHO COELHO**

*Professor do Curso Superior de Letras,  
introdução da *Sciencia da Linguagem* em Portugal:*

**HOMENAGEM DE RESPEITO E AMISADE**



# INTRODUÇÃO

Não é o portuguez a unica lingua usada em Portugal: além dos differentes dialectos com que ella se apresenta no proprio territorio do continente <sup>1</sup>, e d'um certo numero de modos de fallar,

<sup>1</sup> O estudo da *Dialectologia portugueza* hei-de fazê-lo noutra occasião; por isso limito-me a notar aqui algumas particularidades phoneticas: no territorio que vae do rio Minho a pouco alem do rio Douro e se estende a uma parte da Beira-Alta (Sinfães), a lingua portugueza apresenta estes phenomenos caracteristicos ao observador: terminação (archaica) *om* em vez de *ão*, como *coraçom*, etc.; fórmas verbaes sem nasalisação, como *fôro*, *viê-ro* (por *fôrão*, i. é., *fôrom*, *vierom*); os dissyllabos *uim*, *oi* reduzidos a diphthongos em *riúm*, *máinho* (moinho) etc.; representação do *es* inicial da lingua litteraria por *s*, como *sp'rito*, *strélla*, *star*, etc.; transformação constante de *l* em *r*, fazendo apparecer antes do *r* um leve *u* \*, como *áurdeia* (aldeia), *áurma* (alma), etc.; no Alemtejo e Algarve os diphthongos *ei* e *eu* são reduzidos a *ê*, como *dinhêro*, *candiêro*, *mê*, *tê*, *sê*, *ê*, etc.; o diphthongo *ou* é condensado em *ô*, como *sô*, *andô*, etc.; a 1.ª pess. do preter. perf. da 1.ª conj. acaba em *i* (ex. *andi* = *andei*, etc.) por analogia com a 2.ª e 3.ª conj.

Além d'estas particularidades mais salientes, ha outras secundarias: assim no N. do paiz diz-se *a-i-agua* (a agua), *a-i-égua* (a egua), i. é., faz-se apparecer um leve *i* entre o *a* e *e* finaes atonos ou tonicos d'uma palavra, e o *a* e *e* tonicos iniciaes da palavra seguinte, — factos que creio se não dão no Sul; numa pequena povoação (Pena-Lobo) da Beira-Baixa, o *á* tonico da penultima syllaba é transformado em *é*, como *buréco* (buraco), *aguilhéda* (aguilhada).

O gallego é outro dialecto portuguez que, ao lado de phenomenos communs ao portuguez archaico, e ainda ás vezes ao port. pop. moderno, apresenta phenomenos proprios que lhe dão uma individualidade notavel.

No Brazil e nas nossas possessões da Asia e Africa, fallão-se tambem dialectos do portuguez, estudados pelo snr. Ad. Coelho no seu opusculo *Os dialectos romanicos ou neo-latinos na Africa, Asia e America* (extracto do *Boletim da Soc. de Geogr. de Lisboa*, n.º 3, 2.ª serie), e pelo snr. H. Schuchardt no seu opusculo *Kreolische Studien*, I, Wien 1882. Ambos estes glottologos preparão novos estudos sobre os dialectos creolos.

Ha ainda outro dialecto portuguez que não foi estudado: é o fallado no archipelago da Madeira. Do *Romanceiro* d'este archipelago, publicado pelo snr. A. Rodrigues de Azevedo (Funchal 1880), unico texto que conheço do dialecto, vejo que o caracter distinctivo d'elle é usarem-se exclusivamente

\* Este facto foi primeiramente observado, que eu saiba, pelo snr. Ad. Coelho (in *Questões da ling. port.*, pag. 65, not.) que se exprime assim: «O *r* tem ás vezes n'este caso uma pronúncia muito guttural; parece ouvir-se atrás d'elle um *u* consoante, o mesmo som que o inglez *w*». — É nos arredores de Guimarães que eu tenho notado mais particularmente o phenomeno.

particulares ás creanças <sup>2</sup>, aos rapazes <sup>3</sup>, aos pedreiros <sup>4</sup>, etc. — falla-se aqui tambem o *mirandez*, que constitue o objecto d'este estudo.

as fôrmas archaicas *lo, los, la, las* dos artigos definidos. Como o archipelago foi descoberto no primeiro quartel do sec. xv, pôde-se concluir que aquellas fôrmas erão ainda vulgares no continente nessa epocha. Hoje, como se sabe, essas fôrmas apparecem apenas como resultado de assimilação (pelo, todolo, vê-lo, ei-lo, etc.); comtudo encontrei *lo* numa canção popular que recolhi numa serra da Beira-Alta (Vid. o meu livro *Tradições popul. de Portugal*, §, 337 — *k*), e parece que durarão na Galliza até ao sec. xv, segundo uma nota de Saco Arce (*Gr. gallega*) aproveitada pelo snr. M. Fatio in *Romania*, iv, pag. 32, not. 1. No *Cancioneiro da Vaticana* abundão essas fôrmas archaicas. — O dialecto da Madeira apresenta outros factos curiosos, como: *nã* (por *não*), fôrma usual no Sul do continente (Lisboa, etc.), e que representará a transição de *nom* para *não*; o superlativo indicado por *mui-muito*, como em Gil Vicente (*Obras*, iii, 283, ed. Hamburgo), no dialecto creolo de S. Thiago (Ad. Coelho, *Os dialectos romanicos*, etc., pag. 150 e 195 do *Boletim*) e em hisp.; *nhôra* por *senhóra*, factio corrente nos dialectos creolos (Ad. Coelho, *ib.*, p. 149, etc.), e na linguagem popular do continente (Beira-Alta); *vinhemos*, fôrma usada no continente (Traz-os-Montes, etc.), e em gallego; *ambinhos*, deminutivo de *ambos*, fôrma que existe no continente numa cantiga popular (*Ap. Trad. pop. de Portugal*, pag. 114), etc.

<sup>2</sup> Cf. as minhas *Trad. pop. de Portugal*, §. 345.

<sup>3</sup> Na Beira-Alta, os rapazes costumão juntar á vogal ou diphthongo de cada syllaba um *p*, por ex.: *estamos satisfeitos*, diz-se: « *es-pis-tã-pã-mos-pus sa-pã-tis-pis-fei-pei-tos-pus*. No Minho, segundo me informa um meu condiscipulo, os rapazes costumão junctar, tambem por brincadeira, *greg* (com *e* surdo como em *Gregorio*); o citado exemplo diz-se assim: « *es-gregis-ta-gregã-mos-gregus sa-gregã-tis-gregis-fei-greguei-tos-gregus* ». — Não se cuida que estas formações de linguagem são sem importancia ou exclusivas do nosso paiz. A proposito do estudo de C. Nigra *Fonetica del dialetto di Val-Soana* (in *Archivio glottolog. italian.*, t. iii, n.º 1) diz o snr. P. Meyer numa critica in *Romania*, iv, 293-4: « Le gergo de Val-Soana est le résultat d'une modification absolument arbitraire du patois de cette vallée. Les habitants de Val-Soana l'emploient lorsqu'ils veulent éviter d'être compris par des personnes étrangères à leur vallée, qui autrement pourraient entendre le dialecte naturel du pays. Il est curieux de constater combien sont pauvres les procédés de modification mis en œuvre. Le principal consiste dans l'intercalation du groupe *oth, ath, ith* (*th* anglais dans *think*), ainsi *port-oth-jér* (*porter*), *port-oth-iré* (*je porterai*), etc. On voit que c'est le principe sur lequel est fondé le *javanais* (voir les annonces du *Figaro* du dimanche, *passim*) — ». Na introdução de M. Cubi y Soler aos *Ensayos poeticos en dialecto berciano*, por F. y Morales (Leon 1861) leio tambem: «... en castellano vemos que los niños se forman una jergonza que consiste en la introduccion del sonido *quede, gada*, etc., en medio de cada silaba. Para decir v. g. *Como estamos?* se espresan así: *cogodo — mógodo équedes — tágades — mógodos?* En catalan se usa por lo comun la *x*, representando el sonido de *ch* francés en *chanson*. En esta jerga esa frase se diria: *coxó — moxó exéstaxá — moxós?* Los grandes poliglotas han encontrado esta costumbre en muchas partes, sobre todo en Asia — » (ob. cit., pag. xiii, not.).

<sup>4</sup> Os pedreiros, os ciganos, os contrabandistas, etc., usão entre si uma

A zona geographica do mirandez limita-se, porém, aos arredores da cidade de Miranda-do-Douro, em Traz-os-Montes. É evidente que, ao lado do mirandez, — lingua popular —, vive o portuguez como lingua official e empregada pelas classes illustradas, ou ainda pelas populares, quando estas se querem tornar intelligíveis ante as pessoas que desconhecem o dialecto.

Os mirandezes chãmo *gráve* á lingua portugueza, sendo até vulgar a expressão: « tu fallas *grave*? » (i. é, « fallas mais apurado? »). Em algumas povoações, como Villar-Sêcco, diz-se *pâ-li* (= para alli), em virtude do que os habitantes de outras povoações, onde tal expressão se não usa, exclãmo escarnecendo os de Villar-Sêcco: « vaes *pâ-li*? ». Estas denominações de desprezo são muito vulgares nas differentes linguas, como o lat. *barbarus*, e ainda mais. Cfr. as *geadas gallegas*.

Seria, com tudo, muito conveniente que, assim como na Irlanda, com a *Sociedade para a conservação da lingua irlandeza*, na Escocia, com *The Scottish Celtic Review*, etc., na Baixa Bretanha, com a *Revue celtique*, e um sem número de outras publicações, na Provença, com o *Armana Prouvençau*, etc., na Catalunha, na Andaluzia, nas Asturias, na Galliza, na Sicilia, etc., etc., com differentes trabalhos folkloricos e litterarios, se tem operado um salutar movimento de renascença linguistica, — tambem os mirandezes fizessem todos os esforços, não direi já por meio de uma sociedade ou um jornal especial, mas ao menos pela conversação familiar, pela correspondencia epistolar, pela publicação de artigos litterarios e tradições populares, para manterem o seu dialecto intacto o mais possivel contra as invasões do portuguez e do hispanhol.

Assim se produziria um facto de alto interesse glottologico, e ao mesmo tempo se firmaria uma das raizes do amor da patria,

---

*gíria* notavel. Assim, segundo me informão dois meus condiscipulos, os pedreiros em Paredes e S. Martinho de Moiros dizem *mói* por *eu*, *tói* por *teu*, *sói* por *elle*, *galério* por chapéu, *gâmbias* por *pernas* (este termo é tambem usado vulgarmente), etc. Em *mói*, *tói*, *sói*, parece que temos uma pronúncia errada do francez *moi*, *toi*, *soi*; em *galério* ha o latim *galerus*; em *gâmbias* o lat. *gamba* (Diez, *Gr. des l. rom.*, 1, 34; cf. *cambas* no *Poema de Alex.*, o port. *cambado*).

porque entre os elementos que constituem uma sociedade qualquer, — familia, municipio, tribu ou nação, — é com certeza a lingua um dos mais importantes.

O presente estudo sahiu já, um pouco mais imperfeito do que agora, em folhetins dos n.ºs 472, 473, 479, 482 e 483 do jornal de Penafiel *O Penafidelense* (Julho-Agosto de 1882).

As primeiras informações que colhi a respeito do dialecto mirandez devo-as, na maxima parte, ao estudioso alumno da Academia Polytechnica do Porto o meu amigo o snr. Manoel Antonio Branco de Castro, natural da freguezia de Duas-Igrejas (concelho de Miranda); depois augmentei-as, já com novos materiaes fornecidos pelo mesmo alumno na occasião das ferias de Agosto e Setembro d'este anno, já com o interrogatorio pessoal, que fiz a uma mulher mirandez analphabeta, e a outras pessoas com quem me pôz em relação o digno major de cavalleria n.º 7, de Bragança, o snr. J. Ferreira Sarmento. Materiaes de ordem diversa vierão de algum modo tornar mais completo este trabalho, que eu, ainda assim, público, não como definitivo, mas como simples notas, cuja deficiencia provém de mais a mais de constituirem ellas o meu primeiro ensaio glottologico, e de nada existir escripto sobre o mirandez, além do que eu tinha publicado.

Nas comparações que faço com outros dialectos romanicos, tenho em vista principalmente mostrar a generalidade das leis. Muita gente, sem duvida por não possuir sequer os rudimentos da glottologia, sciencia moderna nos seus methodos, suppõe que a linguagem popular é desconnexa, arbitraria, corrupção estúpida da linguagem litteraria; e no emtanto nada ha mais falso, porque, como muito bem notou É. Littré, « beaucoup de mots et de tournures, oubliés ailleurs, survivent dans les différents patois; en lisant les glossaires, en causant avec les paysans et les ouvriers, on trouve que le vieux langage est moins mort qu'on ne croyait » (*Hist. de la langue française*, II, 94, ed. 1878).

Apresentando aos mestres da glottologia este curto ensaio sobre um dialecto, evolução legitima do latim popular outr'ora fallado na Lusitania, espero que as luzes da critica me elucidem no que esse ensaio tiver de defeituoso, e me animem assim a proseguir numa ordem de estudos tão novos, tão importantes, tão bellos, e ao mesmo tempo tão pouco cultivados na peninsula iberica, onde ape-

nas sei de quatro ou cinco individuos que me possão dar uma opinião segura sobre o assumpto.

Eis a lista das obras que principalmente consultei para as comparações com o mirandez:

### Glottologia romanica em geral

*Grammaire des langues romanes*, par F. Diez (trad. fr. em 3 vol. Paris, 1874-1877);

*Studien zur romanischen Wortschöpfung*, von Carolina Michaëlis (Leipzig 1876);

*Étude sur le rôle de l'accent latin dans la langue française*, par Gaston Paris. (Paris-Leipzig, 1862);

*Romania*, recueil trimestriel consacré à l'étude des langues et des littératures romanes, publié par P. Meyer et G. Paris.

### Portuguez

*Questões da lingua portugueza*, por F. Adolpho Coelho (Porto, 1874);

*Theoria da conjugação em latim e portuguez*, pelo mesmo (Lisboa, 1871);

*Grammatica portugueza*, de A. Epiphanyo Dias (Porto, 1878);

*Linguagem popular portugueza*, por J. Leite de Vasconcellos (in *Penafidense*, 1882).

### Gallego

*Gramatica gallega*, de Saco Arce (Lugo, 1868).

*Manualetti d'introduzione agli studj neolatini*, II, *Portoghese e gallego*, por E. Monaci (textos), e F. d'Ovidio (grammatica) (Imola, 1881);

*Diccionario gallego*, de Cuveiro Piñol (Barcelona, 1876).

### Leonez

*Das Altleonensische*, — ein Beitrag zur Kenntniss des Altspanischen, von Dr. Gessner (Berlin, 1867);

*Libro de Alexandre*, estudo de A. Morel Fatio (in *Romania*, iv);

*Poema de Alexandre Magno* (in *Coleccion de poesias castellanas anteriores al siglo xv*, por Sanchez — Paris, 1842): como texto;

*Études de phonologie espagnole et portugaise*, por J. Cornu (extracto da *Romania*, t. ix) <sup>5</sup>.

### Asturiano

A introdução de Varnhagen ás *Trovas e Cantares* (Madrid, 1849);

*Coleccion de poesias en dialecto asturiano* (Oviedo, 1839): como texto <sup>6</sup>.

### Andaluz

*El Folklore andaluz*, revista sevilhana (1882): como texto;  
*Cantos populares españoles*, de F. Rodriguez Marin (Sevilha, 1882, 2 vol.): idem <sup>7</sup>.

### Catalão

*Estudios de lengua catalana*, por M. Milá y Fontanals (Barcelona, 1875) <sup>8</sup>.

Convém ainda fazer uma nota: na transcrição dos termos mirandezes empreguei de ordinario a orthographia phonetica, referindo-a á portugueza; de modo que, com as indicações que dou, quem souber pronunciar bem o portuguez, sabe igualmente pronunciar o mirandez.

Porto, 8 de Novembro de 1882.

<sup>5</sup> Trabalho que eu devo á amabilidade de seu illustrado auctor.

<sup>6</sup> Á distincta romanista, a snr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis, agradeço o obsequio que me fez emprestando-me este livro e o citado estudo de Gessner.

<sup>7</sup> Sobre o dialecto andaluz ha um estudo moderno do profess. H. Schuchardt; mas até á data em que escrevo não me foi possível lê-lo: conheço-o apenas por algumas criticas bibliographicas.

<sup>8</sup> Ao snr. Milá y Fontanals, um dos mais doutos folkloristas da peninsula iberica, agradeço a offerta d'este seu trabalho.

## Phonetica

### A. Vogaes e diphthongos

1. O *a* lat. tonico, tanto longo, como breve, conserva-se geralmente em mir.: *cáro* (cārus), *altár* (altare), *cháve* (clāvis), *álma* (ānima), *Diábo* e *Diábro* (Diābolus).

2. O *ē* lat. tonico está representado por *iê* em *diêss* (dēcem), *viêlho* (vētulus), por *i* em *nim* (nēc); mas *bên* (vēnit), *tên* (tēnet), etc. O *e* lat. tonico em posição está representado por *iê* em: *fiêro* (ferrum), *ciênto* (centum), *tiêrra* (terra), *semiênte* (sementis), *ardiênte* (ardens), *impertiênte* (impertinens), *siête* (septem), etc., e (na raia do concelho de Miranda) *sacramiênto* (sacramentum), *testamiênto* (testamentum), etc. O *ē* lat. está representado por *é* nos infinitivos, como *debér* (debēre), *vér* (vidēre), etc., e por *ê* em *chêno* (plēnus). O lat. *ēqua* está representado por *iúga*, talvez em virtude dos seguintes intermedios: *iéqua* (cf. cast. *yegua*) e \* *ieuga*, ainda que também talvez fosse possível o intermédio \* *euga* (sobre \* *euca*; cf. *míu*, etc.).

3. O *i* lat. soffre em geral as mesmas modificações que em portuguez. O lat. *sīne* está em mir. representado por *sim*.

4. O *ō* lat. tonico está representado por *ó*: *hóme* (hōmo); por *ô*: *nôbe* (nōvem), *bôno* <sup>9</sup> (bōnus); por *ou*: *lhougo* (lōcus); por

<sup>9</sup> No *Libro de Alexandre*: *bono*.

*u*: *bui* (böve-); por *ue* (diphthongo): *suêlo* (sölum); *puêsto* (pö-situs), etc. O *o* lat. tonico está representado por *ó* em *nós*, *vós*, *glória*, *nóbre*, etc. O *o* tonico em posição está representado por *ô*: *môrte* (mors), etc.; por *u*: *úito* (octo), *núite* (nocte-), *almuço* (admorsus), *sunho* (somnus, somnium), *nusso* (noster), *vusso* (vos-ter).

5. O *u* lat. tonico, quer longo, quer breve, quer em posição, conserva-se em: *scuro* (obscurus), *mudo* (mutus), *jugo* (jugum), *Agusto* (=port. *Agosto*), etc.; mas *boubéla* (demin. de *pūpa*).

6. O som que no port. se acha representado pelo dissyllabo *io* (*i-o*) acha-se em mir. representado pelo diphthongo *iu* (egual aos dos preteritos port. *fugiu*, *mentiu*, etc., no Porto, etc.), como *riu* (subst.), *friu*, *tiu*.

Tambem na pequena aldeia de Sercosa (concelho de Vouzel-la) se dá o mesmo curioso phenomeno que em Miranda.

7. A terminação port. *ia* está sempre ou quasi sempre substituida em mir. por *iê* (sendo o *i* rapido), como *friê* (fria), *diê* (dia).

8. Ao diphthongo port. *ão* (port. ant. e dialectal *om*) corresponde o mir. *om*, *ã*, *ano*, *ana*, como: *coraçom*, *pã*, *mano*, etc. Ao port. *ã* em *rã*, *maçã*, *manhã*, corresponde o mir. *ana*: *rana*, *maçana*, *manhana*. Cf. o cast.

9. Palavras que em port. (excepto na ling. pop.) terminam por nasal, em mir. terminam por vogal oral, como: *home*<sup>10</sup>, *onte*, *virge*, *romaige*, *viage*.

10. As palavras portuguezas *mãe*, *muito*, não são nasalizadas em mir., e por isso pronunciam-se como se acham escriptas: *mái*, *múito*<sup>11</sup>.

11. O latim *-ariu-* está representado por *airo*: *almairo*, *ordinairo*, etc.

## B. Consoantes

1. Ha epenthese d'um *r* entre labial e vogal em *freiçom* = *feijão*; entre dental e vogal em *atronar* (cast. *tonar*, do lat. *to-*

<sup>10</sup> *Alex.*: *omme*.

<sup>11</sup> Em gallego ha *nai*, que, como o snr. Ad. Coelho já notou nas *Questões da ling. port.*, p. 418, representa a forma *mae*, que era desconhecida,

nare) por *trovejar*<sup>12</sup>; cf. o mir. *drento* = *dentro* (como o it. e o gall.).

2. O som *b* da palavra port. *batata*, é em mir. *p*: *patá-ta* (ling. pop. port. *patata* na Beira Alta; ao pé de Soajo *matata*); cfr. *boubéla* por *poupa* (lat. *pūpa*).

3. O *m* do port. *melancia*, é em mir. (como na ling. pop. port.) *belancia*; mas diz-se *melom* (melão).

4. O som latino, que nas palavras port. *queijo*, *beijo*, se acha representado por *ij* tem em mir. o som de *iz*: *beizo* (lat. *basium*), *queizo* (caseum). Também se diz *beio* = *vejo* (video).

O lat. *genuculum* (ant. port. *geólho*, ainda pop.) deu em mirandez *zinólho*<sup>13</sup>.

5. Os sons port. *s* e *z* são em mirandez quasi *x* em *sou* = = *seu*, *quix*, *alviçaras* (alviçaras), *páixaro* (passaro). O som port. *x* acha-se em mir. representado por dous modos: um forte, *tch* (como em geral no Norte do reino) = lat. *cl*; outro dôce, *x* (*ix*) = = lat. *x*, *ps*, *sc*, *ss*: *chamar* (clamare), *chábe* (clavis); *graixa* (crassa) *páixaro* (passer), *côixo* (cossus), *faixa* (fascia), *caixa* (capsa). Onde em port. ha *es* inicial, ha em mir. (como no Minho) apenas *s*: *sp'rito* (spiritus), *star* (stare), etc.

6. *a)* O *l* lat., no principio de syllaba, acha-se em mir. representado por *l* molhado (port. *lh*, cast. *ll*):

*lhama* (lat. *lama*, cast. e port. *lama*)

*lhado* (lat. *latus*, cast. e port. *lado*)

*lhébre* (lat. *lepus*, cast. *liebre*, port. *lebre*)

mas que agora apparece no mir.; no *Dicc. gallego* de Piñol encontro tambem *may* (familiar por *madre*), que provavelmente não é nasalizada. Ao mir. *muito* correspondem as fórmulas gallegas *muito* e *moito*, que não são nasalizadas.

<sup>12</sup> Em *freijom* ha realmente um phenomeno phonetico (cf. o pop. port. *chefre* = *chêfe*), ou uma analogia com *frei*?

A proposito da fórmula port. *celestre*, por *celeste*, diz a snr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis: «Einschaltung von *r* nach *t* und *d* (wie auch nach *f*) ist im vulgair Port. und Galliz. sehr beliebt» (*Ein Portugiesisches Weihnachtsauto*, PRATICA DE TRES PASTORES, — Braunschweig, 1881, p. 40) — Cf. tambem Diez, *Gramm. des l. rom.* I, 207, — e o meu art. *Ensaio glottologicos*, II, in *Revista Scientifica*, do Porto.

<sup>13</sup> Diz Gessner: «Im *Alej.* findet sich *gynoio*, *ienoio* (span. *hin.*) 103, 109½ —» (*Das Alileonesische*, p. 15). No *Alex.* encontrão-se fórmulas com *i* ao lado de fórmulas com *ll*, como: *conseio*, *conselho*; *meior*, *mellor*; *oios*, *ollos*, etc. (Vid. A. Morel-Fatio, — *Libro de Alexandre in Romania*, IV, 31).

*lheite* (lat. *lac*, cast. *leche*, port. *leite*)  
*lhôbo* (lat. *lupus*, cast. e port. *lobo*)  
*lhôdo* (lat. *lutus*, cast. e port. *lodo*)  
*lhugar* (lat. *localis*, cast. e port. *lugar*)  
*lhôugo* (lat. *loco*, cast. *luego*, port. *lôgo*)  
*lhume* (lat. *lumen*, cast. *lumbre*, port. *lume*)  
*lhuna* (lat. *luna*, cast. *luna*, port. *lũa e lua*)  
*lhuss* (lat. *lux*, cast. *luz*, port. *luz*).

Excepções: *loureiro* (lat. *laurarius*), *linterna* (lat. *lanterna*), *limom* (lat. *limonem*); talvez a lei esteja em ser atona a syllaba a que pertence o *l*.

Tambem se diz *lhembrar* = *lembrar* (lat. *memorare*, ant. port. *nembrar*); mas diz-se *laranja* (arab. *nāranj*). Cf. mais: *lhevantar*, *lhagarta*, *lhadeira*, *lhatoneiro*; onde porém, ou pelo menos em alguns casos, o *lh* poderá provir de influencia de palavras em que elle seja conforme á regra.

b) O *l* simples, no principio de syllaba que não seja inicial, tem o som de *l* em:

*pêlo* (lat. *pilus*, cast. e port. *pelo*)  
*ciêlo* (lat. *coelum*, cast. *cielo*, port. *ceo*).

c) O *l* geminado (*ll*) acha-se representado em mir. por *lh*, ex.:

*alhá* (lat. *illac*, cast. *allá*)  
*aniêlho* (lat. *annellus* em Horac.; cast. *anillo*; gall. *anelo*, port. *annel*)  
*cabalho* (lat. *caballus*, cast. *caballo*, port. *cavallo*)  
*galhina* (lat. *gallina*, cast. *gallina*, port. *gallinha*)  
*strelha* (lat. *stella*, cast. *estrella*, port. *estrella*)  
*valhe* (lat. *vallis*, cast. *valle*, port. *valle, val*).

Excepções: *villa*, (lat. *villa*), talvez por influencia do portuguez (linguagem dos tribunaes e outras repartições), *le* (= *lhe*; *illi* <sup>14</sup>).

<sup>14</sup> Esta tendencia para o *l* molhado (*lh*), quer tendo por base o lat. *l*, quer o lat. *ll*, é rara em portuguez (cf. *lhe*, ant. *lhi*, do lat. *illi*, ao lado do pop. vulgar *le*; cf. tambem *Questões da ling. port.* por F. Ad. Coelho, p.

d) As terminações lat. *iculus, icula*, etc., que em portuguez, (na Beira-Alta e outros pontos), se áchão representadas por *êlho, êlha*, e (no Porto e outras partes) por *êilho, êilha*, áchão-se representadas em mir. d'este ultimo modo:

abêilha (apicula)  
 conêilho (cuniculus)  
 consêilho (consilium)  
 orêilha (auricula)  
 téilha (tegula).

Parece haver uma excepção em *viêlho* (vetulus), *viêlha*.

7. O grupo *gn* está representado por *n*: *persinat* = *persi-gnar*.

8. A guttural castelhana *j* parece que é desconhecida; a não ser que em *pillega* (que vive ao lado de *piêlhe* = *pelle*, lat. *pellis*), em *ghiê*, e em *gôrta* na raia por *hôrta*; cf. extremenho hisp. *güerta*, astur. *güerto*<sup>15</sup>), haja talvez o quer que seja d'esse som.

368); o *ll* cast. proveniente do lat. *ll*, é a regra, mas proveniente do *l* simples encontra-se em um pequeno número de palavras, excepto, como Diez observa (*Gram. des l. rom.*, I, 190-191), em formas arcaicas e dialectaes; no *Libro de Alexandre* (ant. dialecto de Leão): *llegar* (ligare), *llodo*. No dialecto asturiano, como pôde ver-se *passim* na *Coleccion de poesias en dialecto asturiano*, Oviedo 1859 (ex. *llibrar-se, ilumina, llugar, lletreros, enllutados*, etc.), é frequentissimo o *l* molhado. Na obra da snr.<sup>a</sup> D. Carolina Michâelis, *Studien zur Romanischen Wortschöpfung*, Leipzig 1876, diz-se: « wenn der Asturier jedes anlautende *l* zu *ll*, jedes *n* zu *ñ* erweicht (llagrima, lleche, luego, lluna, ñatura, etc.) — » (p. 112, not.). — O *lh* do dialecto mirandez é, pois, um caracter que o aproxima do leonez e asturiano, isto é, do grupo dialectologico NO. da Hispanha. — Em catalão, porém, o *l* inicial molha-se quasi sempre, como Diez observa (*loc. cit.*): *llansa, llengua, llibre, llog*, etc. Cfr. M. y Fontanals, — *Estudios de lengua catal.*, p. 5.

<sup>15</sup> A aspiração não é exclusiva do castelhano. Em port., como o snr. A. Epiphânio observa, « toda a vogal do principio d'uma palavra (v. g. *aba, ôvo*) é precedida d'uma branda aspiração, que podemos considerar a 20.<sup>a</sup> consoante » (*Gram. port.*, ed. 1878, p. 9); as interjeições *oh! ah!* parece tambem offerecerem o quer que seja d'uma leve aspiração. — Os gallegos pronuncião o *g* aspirado em *Galliza*, etc. (pelo menos tenho ouvido essa pronúncia a alguns); cf. o que diz Piñol: «... las diferencias en la pronunciacion, que los unos hacen siempre *z* á *s*, ó vice-versa, *otros á la g suave j fuerte* ». (*Dicc. gallego*, introd.) — Na Andaluzia e Extremadura hisp. o *f* latino acha-se substituído por um *h* aspirado, d'onde até o adagio commum ás duas provincias:

\*

Nos capitulos seguintes vão indicados outros phenomenos phoneticos.

## II

## Morphologia

## A. Pluraes

O plural dos nomes acabados em *al, el, il, on, an*, forma-se como em castelhano: *animal, animales; castanhal, castanhales; cascabel, cascabeles; funil, funiles; coraçõ, coraçones; limon, limones; pã, panes*; isto é, não ha syncope do *l*, nem mudança do *n* em resonancia nasal (o port. é *animaes, corações*, etc.).

## B. Deminutivos

Como na linguagem popular do Minho, ha em mir. muitos deminutivos em *ico*: *rapazico, rapazica* (de *rapaza*, feminino de *rapaz*), *ventico* (de *vento*), *banquico* (de *banco*), *pedrica* (de *pedra*). Este suffixo deminutivo é vulgar em castelhano.

## C. Artigos

1. O som do art. definido masculino só sendo ouvido se póde saber bem (tanto segundo a pronúncia do snr. Branco, como de outras pessoas que consultei); representa-lo-hei por *el* para o

---

Tóo aquér que no diga jacha, jorma y jiguera  
No es de mi tierra...

Esta aspiração, segundo J. Storm (in *Romania*, v, 179), persiste nos aldeões de Puerto-Rico.

sing. (sendo o *e* muito surdo, como o *e* de *segar*), e por *els* <sup>16</sup> para o plural (sendo o *e* igualmente muito surdo, e o *l* soando um pouco, quasi *le* com *e* tambem muito surdo <sup>17</sup>). Ha um art. neutro *lu*, ex. : *viê-lu* (via-o <sup>18</sup>).

Em vez do port. *ao*, o mirandez tem, como o castelhano, *al* (e quasi *ále*), fôrma que será, não, como querem os grammaticos, uma combinação de *a* e *el* (com quanto no ant. cast. appareça *á el*, e modernamente se possa, por ex., dizer *á el alcance*, por *al alcance*), mas de *á* com *lo* ou *le*. Antes de vogal, o art. masculino toma a seguinte fôrma, segundo a pronúncia do snr. Branco : *l'home, l'aire, l'outeiro*. Em *vér las móças*, por ex., não ha assimilação, da mesma maneira que em cast., onde se diz, por ex. : *saber-lo, conocer la familiaridad, todos los*, etc., comquanto o *s* de *todos los* seja quasi mudo. Em port. diz-se *todo-los* (por *todol-los, todos-los*), *sabê-lo* (por *sabel-lo, saber-lo*), phrases em que o *s* e o *r* se não transformárão em *l*, como muitas grammaticas tola-mente affirmão, mas se assimilárão ao *l* do art. na sua fôrma archaica *lo, la* (ainda vulgar na linguagem popular da Madeira), que assim se conservou até hoje. Em mir. *todos os homens* sãa, segundo o meu citado informador, *todles homes*, havendo como que um *e* muito surdo adeante do *d* <sup>19</sup>.

2. O art. femin. é *lã* para o sing., e *lãs* para o pl.

3. Os art. indefinidos são : *um, uns*, (masc.) *ũa, ãas* (fem.).

As fôrmas *ũa, ãas* correspondem a uma orthographia anti-

<sup>16</sup> Cf. *els* (ells), pl. de *el* (ell) no dialecto catalão de Barcelona, e o fr. *ils*.

<sup>17</sup> É mesmo difficil ás vezes distinguir se quem pronuncia o art., tanto no singular como no plural, pronuncia *le* se *el, les* se *les*, ou *eles* (sendo, como disse, o *e* muito surdo em todas as syllabas), ou se ainda *lu*, pl. *lus*, (ex. *lus homes*).

<sup>18</sup> No castelhano ant., e notavelmente no dialecto leonez, apparece *lo* em vez de *el* (ex. : *lo lazo, Alex. 789; con l'infant, 158; l'arenal, Fita, 160*, etc., e reunido a preposições. — Diez, *Gramm. des l. rom.* II, 28). No *Poema de Alexandre* (ed. Paris 1842) acha-se por ex. : *El padre de vii annos metiolo á leer.* (16). — O snr. Morel-Fatio no seu estudo sobre o *L. de Alex.* (in *Romania*) cita as fôrmas *enno, pollo, sabeno (sabenlo), quieno (quienlo), trallos (trastos)*, etc., onde ha assimilação, e accrescenta . « Nous venons de montrer que la forme la plus usitée de l'article masc. est *lo, los* (écrit aussi *llo, llos*, etc.) — (ib. p. 31-32) : « Une forme plus ancienne qui ne semble guère avoir vécu au-delà du XIII<sup>e</sup> siècle et que nous retrouvons souvent dans l'*Alex.* est *elo, a, elos, as* — (ib. p. 33).

<sup>19</sup> No *Poema de Alex.* : *totalas sus viziones; totalas que vio*, etc.

ga portugueza, á moderna pronúncia popular portugueza, e ao gallego.

#### D. Pronomes

##### 1. Pronomes pessoases :

	1. <sup>a</sup> pess.	2. <sup>a</sup> pess.	3. <sup>a</sup> pess.
Singular . . .	iou	tu	él
	mi	ti	éilha
	me	te	le
			se
			si
Plural . . . . .	nós	vós	{ éilhes éilhas

##### 2. Pronomes possessivos :

míu (cast. *mío*)  
 miê (minha; astur. *mió*, masc. e fem.)  
 tôu (ant. leonez *to*)  
 sôu (ant. cast. *so*; astur. *so*; cf. sicil. *sso* <sup>20</sup>)  
 nusso (ant. leonez *nostro*)  
 vusso (lat. arch. *voster*)

##### 3. Pronomes demonstrativos :

éste                      aquél  
 ésta                      aquéilha  
 { êsto (na raia)      aquilho  
 { isto  
 éesse  
 éessa  
 { êsso  
 { isso

##### 4. Pronomes relativos : que, quiên, quäl, quäles.

<sup>20</sup> As fórmãs *iou, tou, sou* (*sou* quasi *xou*) parecem formadas pelo alongamento do *o* de *yo, to, so*, como o port. *dou, estou*, do lat. *dō, stō*. — Em *lhougo* (de *lōco*) teremos o mesmo alongamento, ou, como o snr. Ad. Coelho me suggere, uma fórmula em vez de *\*luogo* (cf. ant. leonez *buono*) correspondente ao cast. *luego*?

## E. Verbos

1. Conjugação de *amar* :

## INDICATIVO

Pres.	Imperf.	Defin.	Mais que perf.	Futuro
amo	amába	amei (i rápido)	amára	amarei
amas	amábas	améste <sup>21</sup>	amáras	amarás
ama	amába	amou	amára	amará
amâmos	amábamos	amêmos <sup>23</sup>	amáramos	amarêmos
amais	amábades <sup>21</sup>	améstes	amárades <sup>25</sup>	amareis
âmã	amábã	amórũ <sup>24</sup>	amárã	amarã

<sup>21</sup> O *d* das 2.<sup>as</sup> pessôas pl. é perfeitamente archaico. Em gallego diz-se ainda (com o accento na penultima syll., como em lat.) *fatabádes, falarádes*, etc. (Cfr. *Gram. gall.* de Saco Arce, e *Portoghese e Gallego* de Monaci e Ovidio). No dialecto salamanquino *tirad-vos* (Morel-Fatio, — in *Romania*). No port. arch. abundão as fórmás em *-ades*, etc. (lat. *-tis*), que ainda ás vezes occorrem na ling. pop. moderna.

<sup>22</sup> A respeito da terminação *este*, applico ao presente caso o que Diez (*Gramm.* II, 162) diz da conjug. castelhana: « Deve-se ainda notar a terminação *este* em vez de *aste* no *Poema de Cid*, por ex. 341, 347, 359, 361, *salveste* = prov. *salvest* ». É por influencia da 1.<sup>a</sup> pessoa ?

<sup>23</sup> Na ling. pop. port. tambem se assim diz; creio que é uma fórmula por analogia com a 1.<sup>a</sup> pess. do sing. A analogia desempenha um grande papel na conjugação, não só no port., como noutras linguas. Eis alguns exemplos: «... on trouve dans plusieurs patois... (3.<sup>a</sup> pess. plur. do ind. presente): *ils veulent, ils marchent*. Cette prononciation vicieuse provient d'une assimilation erronée à la 1.<sup>re</sup> pers.: *nous voulons, nous marchons*, à l'aquelle on a aussi rapporté la 1.<sup>re</sup> pers. du singulier: *je voulons, je marchons*. Ces confusions sont fréquentes; on dit de même *j'ons* pour *j'avons* à cause de *ils ont*, par une influence contraire de la 3.<sup>e</sup> pers. sur la 1.<sup>re</sup>... On doit expliquer la même manière les troisièmes pers. plur. de l'imparfait du subjonctif accentuées sur la dernière, come *fussient* ou même *fussant*, citées par M. Busguy (I, 266); c'est une assimilation erronée et fort rare de la 3.<sup>e</sup> pers. à la 1.<sup>re</sup>. — » (Gaston Paris, — *Étude sur le rôle de l'accent latin dans la langue française*, Paris-Leipzig 1862, p. 18, not.). Nos *Cantos populares españoles* (tom. II, n.º 2312) de F. R. Marin, leio :

Me *tapastes* con tu capa

onde *tapastes*, como na linguagem pop. port., está por analogia com a 2.<sup>a</sup> pessôa pl., ou antes, senão tambem, com as 2.<sup>as</sup> pessôas dos diferentes tempos, todas as quaes terminão em *s*. O gall. accentua o *a* da ante-penultima syll. do pres. conj. pl. (*bátamos, bátades*, etc.) por analogia com a 1.<sup>a</sup> pess. O povo port. diz *tênhamos* pelo mesmo motivo. Ainda por analogia o port. diz *cantávamos*. Como se vê, ha nestes factos uma lei geral que importa verificar; não se pôde dizer com muita razão que ella seja errônea.

<sup>24</sup> No ant. dialecto de Leão encontra-se *vioron* (por *vieron*), *sopioron* (por *supieron*); na provincia de Salamanca diz-se, segundo Sanchez (na noticia sobre o *Poema de Alex.*), *vioren* (por *vieron*), *salioron* (por *salieron*). No *Alex.* (est. 9):

« *Cayoron* de las nuves muchas piedras punnales » ;

mas o *ó* do mir. (*amórum*, etc.) creio que provém de analogia com a 3.<sup>a</sup> pess. do sing.; não tem nada que ver com estas fórmás leonezas.

<sup>25</sup> Vid. not. 21.

	CONDICIONAL CONJUNCTIVO			PARTICÍPIOS
	<i>Presente</i>	<i>Imperf.</i>	<i>Futuro</i>	
amarié <sup>26</sup>	ame	amasse	amar	amando
amariés	ames	amasses	amares	amado
amariê	ame	amasse	amar	
amariêmos	amêmos	amássemos	amarmos	
amariêdes	ameis	amássedes	amardes	
amariêm	âmam	amássam	amará	

## 2. Conjugação de *dever* :

### INDICATIVO

<i>Presente</i>	<i>Imperf.</i>	<i>Defin.</i>	<i>Mais que perf.</i>	<i>Futuro</i>
dévo	deviê	devi	devira	deverei
déves	deviés	deviste	deviras	deverás
déve	deviê	deviu	devira	deverá
devêmos	deviêmos	devimos	deviramos	deveremos
deveis	deviêdes	devistes	devirades	devereis
dévã	deviêm	devirum	devirá	deverã

### CONDICIONAL CONJUNCTIVO

	<i>Pres.</i>	<i>Imperf.</i>	<i>Futuro</i>	PARTICÍPIOS
deverié	déva	devisse	devir	deviêndo
deveriés	dévas	devisses	devires	devido
deverié	déva	devisse	devir	
deveriémos	dévamos <sup>27</sup>	devissemos	devirmos	
deveriédes	dévades	devissedes	devirdes <sup>28</sup>	
deveriem	dévã	devissã	devirá	

<sup>26</sup> Vid. PHONETICA, *vogaes*, §. 7. Tractando da conjugação castelhana, escreve Diez : « Ao lado de *ia* era *ie* antigamente quasi do mesmo modo autorisado : *cantie, cantarie, habrie, perderiemos, veriedes* » (*Gramm.*, II, 155); e em nota : « Il faut remarquer l'accentuation, d'ailleurs rare, de *ponièn, hacièn, servièn*, qui riment avec *bièn, Belén*, voy. *Flor.* n. 23, ainsi comme en italien » (*ib.*, *ib.*). No mir., por ex., *punièn* rima tambem com *bièn*. No *Poema de Alej.* (ed. 1842, est. 17) lê-se :

... cada dia *facie* disputacion  
Tanto *avie* buen eniënno, etc.

No mesmo poema se lê *tenie* (= tinha), etc.

<sup>27</sup> Vid. not. 23.

<sup>28</sup> Em *Alex.*: *comirdes*; cfr. mais com o mir. as fórmulas do *Alex.*: *mo-vissen, perdíra, valíra*, etc. (Apud J. Cornu, *op. cit.*, p. 23).

3. Conjugação de *unir* :

## INDICATIVO

<i>Presente</i>	<i>Imperf.</i>	<i>Definido</i>	<i>Mais que perf.</i>	<i>Futuro</i>
uno	uniê	uni	unira	unirei
unes	uniês	uniste	uniras	unirás
une	unié	uniu	unira	unirá
unimos	uniêmos	unimos	uniramos	uniremos
unis	uniêdes	unistes	unirades	unireis
únã	uniâm	unirum	unirã	unirã

## CONDICIONAL CONJUNCTIVO

	<i>Presente</i>	<i>Imperfeit.</i>	<i>Futuro</i>	
unirié	una	unisse	unir	unindo
uniriés	unas	unisses	unires	unido <sup>29</sup>
unirié	una	unisse	unir	
uniriêmos	únamos	unissemos	unirmos	
uniriêdes	únades	unissedes	unirdes	
uniriém	únam	unissã	unirã	

## PARTICÍPIOS

4. *Varias formas verbaes* :

a) sou	fui	fusse	fur (for, etc.)	serei
{sós	fuste	fusses	fures	serás
{ghiês				
ghié <sup>30</sup>	fui	fusse	fur	será

<sup>29</sup> O imperativo das tres conjugações é como em portuguez.

<sup>30</sup> As formas *ghiês*, *ghiê* (onde o *i* é rapido, e o *g* é muito leve, talvez uma branda aspiração) corresponde o asturiano *ye*, *yes*; cf. estas adivinhas asturianas (*Coleccion de enigmas y adivinanzas*, por Demofilo, — Sevilha 1880):

*Ye verde y non del huertu* (p. 377)  
*Qué cosa, cosadiella ye?* (p. 380)  
*Canapudu ye* (ib.)  
*Burru ye* (ib.), etc.

e a *Coleccion de poesias en dialecto asturiano* (Oviedo 1839), *passim*. O astur. *ye* (e *yes*) é uma diphthongação de *es*, *est*, como *yerba* (lat. *herba*), *yegua* (lat. *equa*, etc.). O *g* do mir. *ghiês*, *ghiê*, pode-se comparar, quanto ao *g* inicial, com a forma *guebo* (lat. *ovum*) e analogas, que, segundo me informa o meu amigo o sr. Romero y Espinosa, presidente do *Folklore freanense*, é corrente na Extremadura hispanhola, e, segundo vejo na revista *Folklore andaluz* (ex. fasc. viii, p. 311), o é também na Andaluzia?

a) sômus	fumos	fússemos	furmos	seremos
sódes <sup>31</sup>	fustes	fússedes	furdes	seredes
som <sup>32</sup>	fúrum <sup>33</sup>	fussã	fúrã <sup>34</sup>	serã

seia	b) estou	staba	stube	c) cabo <sup>35</sup>
seias	estás	stabas	stubiste	cabes
seia	está	staba	stubo	cabe
séiamos	estamos	stábamos	stubimos	cabemus
séiades	estaes	stábades	stubistes	cabeis
séiã	estã	stábã	stubirum	cábã

## Pret.

coube	d) trágo	truxe <sup>36</sup>	e) bêngo	benié (vinha)
coubiste	traix		bénes	beniés
coube	trái		bén	benié
coubimus	tráiemus		benimus	beniémus
coubistes	traieis		beni	beniédes
coubirum	tráiã		bená	beniën

## f) tener, tenendo, tenido:

têngo	tube	tenerei <sup>37</sup>	tênga	tubira
tênes	tubiste	tenerás	tengas	tubiras
têna	tube	tenerá	tenga	tubira

<sup>31</sup> A *sódes* corresponde o ant. cast. e ant. port. *sodes* (cf. *sondes* em Gil Vicente, etc.), que, como o sing. *sós*, são por analogia com a 1.ª pess. sin.

<sup>32</sup> *Som* em port. é arch.; mas ainda popular no Entre-Douro-e-Minho.

<sup>33</sup> Diz Gessner: «Aber auch sonst erzeugt dieser Vorgang vielfach Übereinstimmung mit dem Portugiesischen: *fuste* (port. *foste*) *Alej.* 1618; *fumos* (port. *fomos*) ib. 1492; *fustes* (port. *fostes*) ib. 2459; *furon* (port. *forão*) ib. 1590 — » (*Das Altleonische*, p. 27).

<sup>34</sup> Cfr. Gessner, *ob. cit.* p. 27 e J. Cornu, *Études de phonologie espagnole et portugaise*, p. 23.

<sup>35</sup> A *cabo* corresponde o cast. *quepo* e o port. *caibo*; mas no dialecto salamanquino, segundo a análise do snr. Morel-Fatio (in *Romania*, x, 240) ás *Farsas y eglogas* de Lucas Fernandes, e na nossa linguagem popular, corresponde também *cabo*.

<sup>36</sup> A forma *truxe* pertence igualmente á linguagem popular portugueza. Diz o snr. Ad. Coelho: «No latim vulgar devia existir ao lado do preterito *trac-si* uma forma \**trac-s-ui*, produzida como *nec-s-ui*, raiz *nec*... Sobre essa forma \**trac-s-ui*, que necessariamente existia no latim vulgar, porque era impossível formar-se em a nossa lingua, em que falta o typo em *-ui*, assenta o perfeito portuguez do verbo *trahere*: sing. 1.ª *trouxe* ou pop. *truxe* » (*Theoria da conjug. em lat. e port.*, p. 109). Ao lado do pop. *truxe* (onde o *x* tem o mesmo som que em *buxo*) ha tambem o pop. *trouve* (que apparece nos AA. antigos; cfr. Ad. Coelho, *ob. cit.*, ib. e sqq.) e, como muitas vezes tenho ouvido, *troufe* (v = f). O gall. tem *trouwen*.

<sup>37</sup> Quasi *teneirei*.

tenémus	tubimus	teneremos	téngamus	tubíramus
teneis	tubistes	tenereis	téngades	tubírades
tênã	tubirum	tenerã	téngã	tubirã

g) pido <sup>38</sup>	h) dixē <sup>39</sup>	i) pôdo	j) fago	fiz
pides	dexiste	pôdes	faix	faziste
pidē	dixe	pôde	fai	fizo
pedimus	deximus	pudémus	fazemus	fazimus
pedis	dexistes	pudeis	fazeis	fazistes
pidã	dexirum	púdã	fáiã	fazirum

k) quix (cast. <i>quiso</i> )	l) pongo (cast. <i>pongo</i> , <i>m</i> )	ouvo	ouva
quijiste (cast. <i>quisis-</i> <i>te</i> )	etc.)	ouves	ouvas
quijo (cast. <i>quiso</i> )	pones	ouve	ouva
quijimus (cast. <i>qui-</i> <i>simus</i> )	põ	ouvimos	óuvamos
quijistes (cast. <i>qui-</i> <i>sisteis</i> )	ponémus	ouvis	óuvadés
quijirum (cast. <i>qui-</i> <i>sieron</i> )	poneis	ouvã <sup>4</sup>	óuvã
	põnã		

n) *Fôrmas soltas :*

cantábades (cantaveis)	fazién (fazião)
dígades (digaes)	sentién (sentião)
seriédes (serieis)	servién (servião)
trabalhássedes (trabalhasseis)	punién (punhão)
durmissedes (dormisseis)	veriédes (verieis)
andubo (andou)	dórum (dérão)
andórum (andárão)	scabórum (cavárão <sup>40</sup> )
stubirum (estivérão)	aconteciu (aconteçeu)
habié (habia)	fuge (foge <sup>41</sup> )
fazié (fazia)	<i>dezides e dezeis</i> (dizeis)

<sup>38</sup> Em cast. *pido*, *pides*, etc. O nosso povo, diz também *pido* por *péço* (formação analogica).

<sup>39</sup> O gall. tem *dixen*, *dixo*, etc. Na ling. pop. port. ouve-se a cada passo *dixe*, *dixestes*, *dixera*, etc. A fôrma *dixe* (lat. *dixi*, i. é, *dicxi*) provém de *disse* pela redução normal de *ss* a *x* (Cf. *Consoantes*, §. 5).

<sup>40</sup> Do verbo *scabar*. Cf. numa lenda de Paços de Ferreira a fôrma *scaba* (Apud as minhas *Tradições populares de Portugal*, §. 290, a).

<sup>41</sup> Ex. na phrase: *fuge pãr qui* (foge para aqui). Na ling. pop. port. é vulgar a fôrma *fuge* por *fóge*. Camões, nos *Lusiadas* (II, 60 e 61), tem:

« *Fuge, fuge*, Lusitano,  
*Fuge das gentes perfidas e feras* ».

## F. Partículas

A;

Am (em).

P'ra (para). Esta preposição toma as seguintes fórmulas: « iou vou *pâ* la feira »; « *pâ'l* mercado »; « *pâ-les* mercados »; « *apanhei-lu pâ* riba <sup>43</sup> »; *pâ-li* (para alli);

Por;

Cum (com);

Sim (sem; gall. *sin*);

Depuis (depois);

Alantre, *adelantre* (adeante <sup>43</sup>);

Até;

Âênde (ahi); *pâr ênde* (para ahi <sup>44</sup>);

Múi (pronuncia-se como se escreve, não como o port. *mūi*, cuja nasal appareceu por influencia da nasal inicial);

Lhôugo (logo);

Quando;

Onte (hontem <sup>45</sup>)

Nó (não);

Hoje;

Num (não <sup>46</sup>);

Manhana;

Nim <sup>47</sup>;

Longe;

Cumo (como <sup>48</sup>).

<sup>43</sup> Cf. o andaluz *pa*, por *paa*, por *para*.

<sup>43</sup> Sobre a epenthese do *r*, vid. *Consoantes*, §. 1. Em *Alex.*: *adelantre*, *adelantrado* (*Romania*, x, 36).

<sup>44</sup> Cf. a phrase: « *âênde* mesmo » (ahi mesmo). O mir. *âênde* é formado do lat. *inde*, como o port. *aonde* (adonde, onde) de *unde*. Como se sabe, *inde* deu o ant. cast. e port. *ende*.

<sup>45</sup> Em gall. *ont*, na ling. pop. port. *honte* (onte).

<sup>46</sup> Quando a negação vem acompanhada de outra palavra, traduz-se por *num*; quando vem só, por *nó*. A mesma distincção se encontra na linguagem pop. port. entre *não* e *num*, ex.: « Num vaes? — Não ».

<sup>47</sup> No *Poem. de Alej. nin*, ex.: *nin ascuches* (51). Em gall. *nin*.

<sup>48</sup> Na ling. pop. port. diz-se também *cumo* e ás vezes *coma* (fôrma archaica) ou *cuma*, em comparações: « verde *coma* as hervas » (i. é, « verde *cumás* hervas »). Na ling. ordinaria diz-se *cómo*, bem como em gall., como conclúo d'esta adivinha popular (Ap. *Coleccion de Demófilo*, p. 345):

— Quen *come* no céu ?

— Quen reza o Padre-Nuestro,

onde se allude evidentemente á expressão « Asin na terra *como* no céu », posto que Piñol no *Dicc. gall.* traga *cum* (= como) com a rúbrica de archaismo.

## G. Nomes numeræes

Um, dôus (*ou* quasi *ô*), dúês (duas <sup>49</sup>), três, quatro, cinco, seis, siête (*i* rapido), uito, nôbe, diêss, onze, dóze, trêze, q'atorze, quinze, . . . deziuito, dezenôbe, vinte, trinta (até noventa, como em port.), cien (*i* rapido e *e* surdo), duzientos, trezientos, quatrocientos, etc. (sempre *ientos*), mil, milhom. — Diz-se *purmeiro* por *primeiro* <sup>50</sup>.

## III

## Syntaxe

Nesta secção tenho muito pouco que assignalar. A syntaxe mirandesa não differe essencialmente da syntaxe portugueza. Notarei estas tres phrases, nas duas primeiras das quaes ha uma particularidade da syntaxe castelhana, e na terceira um pleonasmio: « A la galana *se lu mete* » (*se lu mete* = lh'o mete), « quando *se lu mete* » (ib.); « a quiên Christo *le dixé* ».

---

<sup>49</sup> É difficil representar o som d'esta palavra *dúês*: o accento está no ê que é quasi *â*. — Em Berceo, — *S. Milan* 437, 471, 485, apparece a fôrma *dues* correspondente a *duas* (Vid. A. Morel-Fatio, *Libro de Alexandre*, in *Romania*, IV, 33).

<sup>50</sup> Tanto em gallego, como na linguagem popular portugueza, se diz *pormeiro*, *promeiro*, por influencia da labial, influencia que no dominio glotologico do portuguez se estende a muitas palavras, como *sumana*, *Supriano* (Cypriano), *buber*, etc., etc.

## IV

## Textos

## 1.

## Conto popular

(Cyclo de Christo e S. Pedro)

## MIRANDEZ

Era ùa vez Christo e Sã Pedro; ibã p'r'um camino, e encontrórum um arador, dezindo múitas pragas, a quiên Christo le dixe: « Adíus, filho del Senhor! ». E indo mais alantre, ancontrórum um próbe deitado a rezar el rosairo, a quiên Christo le dixe: « Adíus, filho del Diabo! ». E Sã Pedro, admirado, perguntou lâ causa d'aquêlhas palabras, e Christo dixe qu'el arador staba trabalhando del coração p'ra sustento de lâ familia, amquanto qu'el próbe staba pënsando onde iriê roubar — (Versão de Duas-Egrejas <sup>51</sup>).

## TRADUÇÃO PORTUGUEZA

Uma vez Christo e S. Pedro ião por um caminho, e encontrãrão um lavrador, dizendo (i. é, *rogando*) muitas pragas, a quem Christo disse: « Adeus, filho do Senhor! ».

E indo mais adeante, encontrãrão um pobre deitado a rezar o rosario, a quem Christo disse: « Adeus, filho do Diabo! ».

E S. Pedro, admirado, perguntou a causa d'aquellas palabras, e Christo disse que o lavrador estava trabalhando do coração para sustento da familia, em quanto que o pobre estava pensando aonde iria roubar.

---

<sup>51</sup> Este conto publiquei-o já no n.º v da revista sevilhana *El Folklore andaluz*, onde sahiu um pouco incorrecto.

Narrativa popular do *Medo*

## MIRANDEZ

Iou salí de lâ villa de Moga-douro e lhebaba la cochina pré-za c'ũa côrda, e, al chegar â la bórda d'ũa capiêlha, saliu-me um *Miedo* que s'appar'ciê a um home mui alto, bestido de branco, e púze-se-me delante de la cochina e seguiu-me un cácho de camino siêmpre al miu lhado, e quedaba-se als ratos, e iou olhaba p'ra trás e viê-lo mui *longe* e lhougo nu'istante staba al piê de mi; mas, quando chiguemos a la bórda d'ũa cruz, el *Miedo* púze-se a las bôltas de la cruz e alhi quedou e desapareciu — (*Idem* <sup>53</sup>).

## PORTUGUEZ

Eu sahi da villa de Moga-douro, e levava a pórca prêsa com uma corda, e, ao chegar á bórda d'uma capella, sahiu-me um *Medo* que se parecia com um homem mui alto, vestido de branco, e poz-se-me deante da pórca, e seguiu-me um bocado de caminho ao meu lado, e quedava-se aos poucos, e eu olhava para trás e via-o mui longe, e logo num instante estava ao pé de mim; mas, quando chegámos á bórda d'uma cruz, o *Medo* poz-se ás voltas da cruz, e alli quedou e desapareceu.

## Lenda popular

Os habitantes de *Zenizio* (Genisio, ao pé de Miranda) chamão-se *cuquelhudos*, porque, tendo visto uma *boubéla* (poupa) pela primeira vez, cobrirão-se com lençoes e corrêrão de trás d'ella para a apanhar, dizendo: « *Sinhôra de lâ Cuquelhuda, pouzae am branco* ». Ella mettu-se num moinho, e elles, vendo rodar a mó, principiárão aos beijos a ella, cuidando que era milagre, por não verem o eixo que a movia, de maneira que a pedra lambia-lhes os queixos (*Ib.* <sup>53</sup>).

<sup>53</sup> Cf. as minhas *Tradições populares de Portugal*, cap. xi.

<sup>53</sup> Nesta lenda não ha a aproveitar senão uma phrase em dialecto mirandez. A lenda é, porém, curiosa, porque contém o rudimento d'um culto religioso, e é uma das muitas explicações que se dão das alcunhas das terras. Cfr. o meu opusculo *Dictados topicos de Portugal*, Barcellos 1881.

## Dialogo de phantasia

(Sobre costumes populares)

MIRANDEZ

PORTUGUEZ

— Adíus, *Manul* <sup>54</sup>! Pensei que teniês morrido.

— Iou nó, *Mariê*, e tu?

— Iou quaje... quaje... puis las Bruxas esta nuíte fúrum-me a la cabanha e chupórum-me toda; até fazírum *negros* am los braços.

— Num berrabas a los pêrros?

— Iou num podiê, pois tirórum-me la falla las Bruxas, e éilhas nim de diê se veiam, puis som como l'aire.

— Olha, *Mariê*, pide al padre que te dê um *scrito* <sup>55</sup>, e éilhas nunca te faram nada s'el traíres al peçoço.

— Iou, si, quiêro. Estará âm tou ganado algũa canhõna miê?

— Num tengo vido.

— Els tous pêrros yá me conheçam, e yá num se zábam <sup>56</sup> cum els mius.

— Adeus, Manuel! Pensei que tinhas morrido.

— Eu não, Maria, e tu?

— Eu, quasi, quasi... pois as Bruxas esta noite forão-me á cabana e chupárão-me toda; até fizerão *negras* nos braços.

— Não berravas aos cães?

— Eu não podia, pois tirárão-me a falla as Bruxas, e ellas nem de dia se vêem, pois são como o ar.

— Olha, Maria, pede ao padre que te dê um *scrito*, e ellas nunca te farão nada se o trouxeres ao peçoço.

— Eu quero, sim. Estará no teu gado alguma ovelha minha?

— Não tenho visto.

— Os teus cães já me conhecem e já não mordem os meus.

<sup>54</sup> *Manúl* (por *Manuel*) suppõe uma fôrma anterior *Manúel* (com o accento tonico no u). A fôrma pop. port. é *Manêl*.

<sup>55</sup> Chama-se em Miranda *scritos* a uns papelinhos que os padres vendem, creio que por 100 reis, como preservativo contra as cousas más. São uma especie de *nominas* (Sobre estas vid. a minha monographia *Amuletos populares portuguezes*, — extracto da *Rev. da Soc. de Instr. do Porto*, — p. 2).

<sup>56</sup> *Zabar* é agarrar, mordendo.

— Els míus só som malos pâ  
els lhobos. (*Ib.*)

— Os meus só são maus para  
os lobos.

## 5.

## Adivinhas populares

## MIRANDEZ

a) Que será, que será,  
Passa el rio  
E quéda acá?  
— Espingarda e tiro.

b) Que será, que será,  
Pastorico de palo,  
Xube al monte  
A botar el ganado?  
— Peine.

c) El galan e la galana  
Andórum al saca e mette:  
El galan, cumo mais furte,  
A la galana se lu mete.  
— Corchetes.

d) Am riba de ti me puz,  
E tu toda te abaneste:  
Iou fui-me cum el gusto,  
Tu cum el lheite quedeste.  
— Figueira.

e) Bunitico e guapo lu quiêran  
las môças, e por sou gusto se

## PORTUGUEZ

a) Que será, que será,  
Passa o rio  
E fica cá?  
— Espingarda e tiro.

b) Que será, que será,  
Pastorinho de pau,  
Sobe ao monte  
A botar o gado?  
— Pente.

c) O galã e a galã  
Andarão ao tira e mette:  
O galã como mais forte  
À galã lh'o mette.  
— Colchetes.

d) Em cima de ti me puz,  
E tu toda te abanaste;  
Eu fui-me com o gôsto,  
Tu com o leite ficaste.  
— Figueira (o homem sobe  
a ella, abana-a e come  
os figos).

e) Bonito e guapo o querem as  
môças, e por seu gosto se fu-

fura lo oghero e queda pin-  
gando para el suelo.

— Brincos am las oréilhas.

ra o buraco e fica pingando  
para o sólo.

— Brincos nas orelhas (fica  
o sangue a pingar, quan-  
do se fúrão as orelhas).

f) Redondo, redondete,  
Folga-se la moça,  
Quando se lu mete.

— Anniêlho.

f) Redondo, redondete,  
Folga a moça,  
Quando lh'o mettem.

— Annel.

g) Ûa viêlha, viêlharrona,  
Tên um diente am la crona.

— Aguelhada e aguelhom.

g) Uma velha, velharrona,  
Tem um dente na corôa.

— Aguilhada e aguilhão.

## 6.

## Cantigas populares de amor

## MIRANDEZ

a) Cum la pena del pavom,  
El sangue de las miês venas,  
Hei-de screver al amor  
Que anda am terras alhenas.

b) Iou mandei-te ùa carta,  
Sim ninhûa letra drento,  
Para te fazer dar  
Vultas al pensamento.

## PORTUGUEZ

a) Com a pena do pavão,  
O sangue das minhas veias,  
Hei-de escrever ao amor  
Que anda em terras alheias.

b) Eu mandei-te uma carta,  
Sem nenhuma letra dentro,  
Para te fazer dar  
Voltas ao pensamento.

## 7.

## Cantigas populares do S. João

## MIRANDEZ

a) San Joã, por vér lâs môças,  
Fizo ùa fuônte de prata:

## PORTUGUEZ

a) S. João, por ver as môças,  
Fez uma fonte de prata:

Las móças num furum a éilha,  
Sã Joã todo se mata.

As moças não forão a ella,  
S. João todo se mata.

b) San Joã, por vér las móças,  
Fizo ùa fuõnte de bidro:  
Las móças num furum a éilha,  
Sã Joã stá perdido.

b) S. João, por ver as moças,  
Fez uma fonte de vidro:  
As moças não forão a ella,  
S. João está perdido.

c) Ó míu Sã Joã de lâ barca,  
Ó míu santo marinheiro:  
Lhebai-me na vussa barca,  
Alhá pâ'l Riu <sup>57</sup> de Janeiro <sup>58</sup>.

c) Ó meu S. João da barca,  
Ó meu santo marinheiro:  
Levai-me na vossa barca,  
Lá p'ra o Rio de Janeiro.

## 8.

## Dictados populares

## MIRANDEZ

a) An Miranda  
Nôbe mézes d'invierño  
E três de infêrno <sup>59</sup>.

b) Quiên sômbra  
Siêmpre côle.

c) Nube de Praña <sup>60</sup>  
Nunca cá vâha!

d) Tres horas durme un santo,  
Quatro el que num ghiê tanto,

## PORTUGUEZ

a) Em Miranda  
Nove mezes de inverno  
E tres de inferno <sup>59</sup>.

b) Quem semeia  
Sempre colhe.

c) Nuvem de Praña  
Nunca cá venha!

d) Tres horas dorme um santo,  
Quatro o que não é tanto,

<sup>57</sup> Cf. *Phonetica*, §. 6.

<sup>58</sup> O mir. diz *marinheiro*, *purmeiro*, etc., contrariamente ao cast. *marinero*, etc.

<sup>59</sup> Tres de inferno com calor.

<sup>60</sup> Terra hispanhola. As nuvens d'esse lado são temidas, por causa dos temporaes.

Cinco um estudante,  
Seis um viajante,  
Siête um pôrco,  
Uito um burro môrto.

Cinco um estudante,  
Seis um viajante,  
Sete um porco,  
Oito um burro morto.

e) Marcio  
Encanharso <sup>61</sup>.

e) Março  
(Toma canna o grão).

f) Abril  
Spigas mil.

f) Abril  
Espigas mil.

g) Maio  
Granaio.

g) Maio  
(Toma grão).

h) Junho  
Bota la fouce âl punho.

h) Junho  
Deita a fouce ao punho.

#### IV

### Materiaes para um vocabulario mirandez

ACIOM (às vezes açom), acção. Em cast. *accion*.

ADÍUS, adeus. Também *díus* = deus.

ÂQUILA, aguia. O mesmo em cast.

AIRE, vento. O mesmo em cast.

ALAS, azas. O mesmo em cast. Em Carrazeda-de-Anciães (Traz-os-Montes) usa-se também *alas*.

ANHO, anno. O mesmo em cast. (año).

ARMAÑO, irmão. Em cast. *hermano*.

ATRONAR, trovejar. Em cast. *tonar*; cf. port. *troar*; lat. *tonare*.

AIUNAR, jejuar. Cast. *ayunar*.

---

<sup>61</sup> Cf. o meu art. *Ensaio glottologico*, II, in *Revista Scientifica* do Porto, vol. I.

**AZEITEIRA**, almotolia. É uma formação natural de *azeite*.  
Cf. cast. *acietera*.

**BONO**, bom. Em ast. *bonu*, *bona*. Leon. *buono*; cast. *bueno*.

**CACHO**, pedaço. O mesmo em cast. Em Carrazeda usa-se o mesmo vocabulo.

**CAMPANA**, sino. O mesmo em cast. Cf. o port. *campanario*.

**CHAVE**, chave. Cast. *llave*.

**CHENO**, cheio. Lat. *plenus*, cast. *lleno*. Representa a phase anterior de *cheio*.

**CÓBDO**, covado. Em cast. *oodo* (lat. *cubitus*). Na linguagem popular port. *côbdo*.

**CONCEIÇIOM**, conceição. Cast. *concepcion*. Cf. *aciom*.

**CORVO** (o quasi *u*), corvo. Cast. *cuervo*.

**DIABRO**, Diabo. Esta fôrma representa o intermedio do lat. *Diab'lus* para o port. *Diabo*. Cfr. o demin. *Diabrete*.

**DREITO**, direito. O mesmo na ling. pop. port. — O grupo lat. *ct* que em cast. dá *ch* em *derecho*, *pecho*, etc. dá em mir. *ei* nas mesmas palavras, como em portuguez.

**DRENTO**, dentro. Galleg. *drento*. Cfr. Diez, *Gramm.*, I, 207.

**ENTOM**, então. O mesmo no dialecto port. de Entre-Douro-e-Minho. Em *Alej.*: *enton*. Cast. *entonces*.

**FAME**, fome. Em cast. *hambre* (lat. *famina*). O mir. é o lat. *fame-*; cf. port. *faminto*.

**FERRÂNHA**, forragem. Cf. port. *ferrã*, *ferrã*.

**FIÊSTA**, festa. Em cast. *fiesta*.

**FOGAÇA**, pão. Em cast. *hogaza*, port. *fogaça*, lat. *focacia* (de *focus*).

**FRUITA**, fructa. Cast. *fruta*, ling. pop. port. *fruita* (arch.), galleg. *fruita* e *froita*.

**GOMITAR**, vomitar. O mesmo na ling. pop. port. O *v* do lat. *vomitare* acha-se, pois, representado por *g*; cfr. *goraz*, etc.

**IUGA**, égua. Em cast. *yegua*.

**LHARÊGO**, porco pequeno. Em Meirinhos (c. de Moncorvo) chama-se *lârêgo* ao porco que não serve para cevar senão no anno seguinte.

**MAÇANA**, maçã. Em *Alej.* *mazana*. O cast. tem *manzana* (cf. em Gil Vicente *mançanas de ouro*), cujo *n* resultará de influencia do *m* inicial.

\*

**MADRIL**, Madrid. Em vários pontos de Hispanha usa-se *Madrid* (d=1); cf. *madrileno*, *madrileño*.

**MADRINA**, madrinha. O mesmo em cast. (lat. *matrina*).

**MÁI**, mãe. Cfr. gall. *may* e *nai*. A forma mirandesa representa o intermedio do port. arch. *mare* (in *Elucidario* de Viterbo) para o moderno *mãe*, cuja nasal appareceu por influencia do m inicial (como em *monco*, *mensagem*, *muito*, etc.).

**MEIOR**, maior. Em leonez (*Alex.*) *meior* e *maor* <sup>62</sup>.

**MÔRTE**, morte. Em cast. *muerte*.

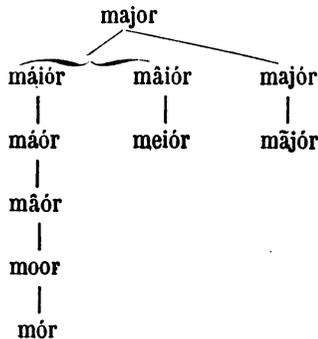
**NINA E NINO**, menina e menino. Cf. o galleg. *nen*, *nena*, e o cast. *niño*, *niña*. Na linguagem infantil da Beira-Alta, etc., a palavra *nêna* significa *boneca* (feita de panno).

**NUITE**, noite. Já tenho ouvido tambem a gallegos *nuite*.

**NÚMERO**, numero. A ling. pop. port. tem tambem *número* (ao lado de *numbro* com *b* epenthético como em *cambra*, etc.), cujo *a* resulta da influencia do *r* seguinte, como em *chicharo*, *pássaro*, e noutras muitas palavras (*sarrar*, *misaravel*, etc.).

**OURIFEIRO**, ourives. Este termo parece apontar para um \**aurifarius*, formado sobre o typo *aurifex* por imitação dos nomes em *-eiro* (*-arius*), com quanto tal formação seja fóra do commum. Em mir. ha mais *ourideiro* (que eu ouvi a uma mulher) derivado de *ourifeiro* pelo intermedio \**ouriveiro* (f=v=b).

<sup>62</sup> Em port. ha tambem *mâior*, *maór* (Minho), *máior*, *mâior*, *meior*, *mâor*, ant. *moor*, *mór* (cf. ainda *guarda-mór*, *mórdomo-mór* em que entra *mór* duas vezes, *capitão-mór*, etc.); ha além d'isso o termo milit. mod. *majôr* (vindo por intermédio do fr. ?), que o povo pronuncia *mãjôr*. Eis um schema da historia do lat. *major* em portuguez:



PADRINO, padrinho. Cf. *matrina*.

PAI, pae.

PALHA, palha. Cast. *paja*.

PREGUICIA, preguiça. Lat. *pigritia*. Em Alex. *pegricia*.

PUDOM e PUDONA, podão e podôa (que o povo pronuncia *pedão*, *pedôa* na Beira-Alta); cf. *podar* = lat. *putare*.

QUIÊDO, quiêto. Em cast. e port. *quieto*. Em port., na ling. pop., ha *quéto* (Minho) e *quêdo* (passim). Lat. *quietus*.

RIZA, riso. Em cast. *risa*.

RATO, espaço de tempo. O mesmo em cast., e, segundo me affirmão, no Barroso (Traz-os-Montes). Cfr. a phrase mir. *espere um ratito!*

RIGUEIRO, ribeiro; cast. *reguero*.

RUGA, rua. No ital. arch. *ruga*. Em Villa-Secca-de-Armamar (Beira-Alta) diz-se tambem *ruga* = *rua*. A uma mulher de Miranda ouvi tambem pronunciar *rô* = *rua* (o som *rô* é difficil de representar).

REISENHOR, rouxinol. Em cast. *ruiseñor*, lat. *lusciniolus*. Na fôrma mir. é possivel haver uma influencia da etymologia popular.

SQUILAS, campainhas; segundo me informou a mesma mulher. Cfr. it. *squilla* in Diez, *Et. W.*, 4.<sup>a</sup> ed.

SUBRE-CENA é uma comida depois da ceia. Em mir. *ceia* é *cena* (cast. *cena*).

SUBRINO, sobrinho. Em cast. *sobrino*.

SUMBRAR, semear. Cast. *sembrar*, lat. *seminare*.

ZINÓLHO, joelho. Diz Gessner: « Im *Alej.* findet *gynoio*, *ienoio* 103, 1094 » (*Das Altileonesische*, p. 15). No *Diccionario de antigüedades* (apud Gessner, ib. p. 8) vem *genoillo*, que parece estar para *gynoio* como por ex. *conceyo* para *conseillo*. O mir. é bem o lat. *genuculum*.

## Conclusão

Quando se lança uma vista d'olhos sobre os dialectos românicos que se fállão na península iberica, observa-se que uns estão para com os outros numa certa relação de continuidade, sem lacunas muito grandes, nem muito bruscas, que os separem completamente; o que, porém, de um modo geral não quer dizer que entre ellés se dêrão misturas reciprocas, mas que todos se desenvolvêrão do latim popular romano de tal modo, que ainda da vida das linguas fosse verdadeiro o celebre aphorismo: *Natura non facit saltus*. Ao NE. o *aragonez* <sup>63</sup> fórma como que a transição do *catalão* <sup>64</sup> para os dialectos do centro da Hispanha (*castelhano*, etc.); o *andaluz* e o *extremenho*, que, a julgar pelos textos que conheço, pouco ou nada differem, assemelham-se mais aos de NO. e O. do que aos de NE. e E.; o *asturiano* é ainda hoje mais visinho do *portuguez* do que do *castelhano* <sup>65</sup>; o *leonez* forma um intermédio entre estes dois ultimos dialectos românicos <sup>66</sup>; o *berciano* « se castellaniza á medida que los pueblos del pais se van acercando á Castilla, ó se galleguiza completamente segun que sus opuestos confines van tocando los de Galicia <sup>67</sup> »; o mesmo que a respeito do *berciano* se póde dizer a respeito do *portuguez* na fronteira da Galliza. No meio de tal variedade dialectologica, o *mirandez* vem occupar o seu lugar no grupo NO., ao lado do *asturiano-leonez*, entre este sub-grupo e o sub-grupo gallegio-portuguez, que pertence em parte ao NO. e em parte ao O. Ficção estabelecidos nos capitulos precedentes alguns pontos de analogia entre o *mirandez* e os seus vizinhos; mas, apesar d'isso, e de no vocabulario *mirandez* haver muito, quer do *castelhano*, quer do *portuguez*, não deixa o dialecto, aqui estudado, de revelar uma

<sup>63</sup> Cfr. M. Fatio in *Romania*, XI, 345.

<sup>64</sup> que se subdivide em *catalão oriental* (*barcelonez*, etc.), *occidental* (*valenciano*, etc.) e *baleárico* (Vid. *Estudios de lengua catalana*, por M. Milá y Fontanals, p. 1).

<sup>65</sup> Diez, *Gramm.* I, 87.

<sup>66</sup> Id., *ib.*, 90.

<sup>67</sup> *Ensayos poeticos en dialecto berciano*, por Fernandez y Morales, — Leon 1861, p. 4.

individualidade muito para assignalar. Em quanto que o astur. tem o ñ inicial, o *y* correspondente ao port. *lh* (ex. *migaya*, *se-meyante*; cf. extremenho *cabayo*, *yebar*; leon. *maio* = cast. *mallo*, deriv. *maiadura*, *maiamento*, — in *Romania* IV-46), e diz *casá-me* = casar-me, *levantá-se* = levantar-se, — o mirandez não revéla nenhum d'esses phenomenos, pelo menos nos factos que conhece. A quéda do *d* medial, vulgarissima no andaluz (*too* = todo, *sordáo* = soldado), onde é conhecida ha muito, e corrente tambem, não só no asturiano (*criau* = criado, *pecau* = peccado), mas no castelhana familiar, não se dá em mirandez com mais frequencia do que em portuguez. No andaluz o diphthongo *ue* em *güerto* (= cast. *huerto*), *güeso* (= cast. *hueso*) e outras fórmas, é precedido de uma leve aspiração (*g* suave); no ast. encontra-se tambem *güeso*, *güerto*, *güeste*, *güe*, etc., etc., e em leon. (*Poema de Alex.*) ha *huuesso* com aspiração (M. Fatio in *Romania*, IV-46); mas no mirandez, como vimos (*Consoantes*, §. 8), parece dar-se unicamente na raia esse phenomeno, exceptuando talvez os diphthongos *ghiês* (= és) e *ghiê* (= é), onde, como tambem vimos, haverá um phenomeno da mesma natureza.

À influencia do port. e cast., e ao parentesco do mir. com os outros dialectos do grupo, offerece-se uma base historica. Portugal, a que pertence Miranda-do-Douro, formou-se politicamente do territorio de Leão no sec. XII. Attendamos mais a que a *terra de Miranda* fica visinha d'aquella provincia hispanhola, entrando mesmo por ella dentro, e que ainda hoje se mantéem constantes relações commerciaes entre os de lá e os de cá. Miranda, no principio da monarchia portugueza, era pouco importante; foi D. Diniz até que a fez villa. Outro facto significativo, e que mostra a influencia de Leão, é este: D. Sancho I doou em 1211 ao mosteiro leonez de Moreruela o reguengo de Infaneis (Infanes), no angulo que a linha da fronteira fórma para o Nascente acima de Miranda <sup>68</sup>.

---

<sup>68</sup> A. Herculano, *Hist. de Port.*, II, 433.







DEC 9 1896

CANCELLED

CANCELLED

CANCELLED

CANCELLED

JAN 12 '67 H

1822 4/7

NOV 7 '66 H

1207306

2947046

Cancelled

APR 20 '70 H

DEC 12 '66 H

7243-52

1270-599

CANCELLED

7243.52  
O dialecto mirandez,  
Widener Library

003283650



3 2044 086 626 710

